



O Diabo protege da morte, o metal do Diabo enterra vivo: as veias abertas de Potosí

Davi Antunes da Luz¹

Resumo

Potosí, cidade parteira do capitalismo moderno. Em suas terras o indígena se assentou originalmente junto ao mineral; no entanto, desde a colônia o Deus mineral inorgânico o domina. A cada cascalho que sai do monte, troca e riqueza, de sua gente que entra nas minas, miséria e pobreza. Cerro Rico, então soberano do metalismo colonial, agora está oco, quando comparamos aos dias de glória, mas segue engolindo gente, poluindo o solo e acirrando o subdesenvolvimento.

Palavras-chave: Bolívia; Potosí; Cerro Rico; Prata; Diabo.

El Diablo protege de la muerte, el metal del Diablo entierra vivo: las venas abiertas de Potosí.

Resumen: Potosí, partera del capitalismo moderno. En sus tierras, el indígena se asentó originalmente junto al mineral; sin embargo, desde la colonia, el Dios mineral inorgánico lo domina. Con cada grano de montaña, intercambio y riqueza, pero para su gente que ingresa en las minas, hay miseria y pobreza. El Cerro Rico, antes soberano del metalismo colonial, ahora está hueco en comparación con sus días de gloria, pero aún continúa tragándose a la gente, contaminando el suelo y exacerbando el subdesarrollo.

Palabras-claves: Bolívia; Potosí; Cerro Rico; Plata; Diablo.

The Devil protects from death, the Devil's metal buries alive: the open veins of Potosí

Abstract: Potosí, midwife of modern capitalism. On its lands, the indigenous originally settled alongside the mineral; however, since the colonial era, the inorganic mineral God dominates. With each pebble from the mountain, exchange and wealth, but for its people who enter the mines, there's misery and poverty. Cerro Rico, once sovereign of colonial metallism, is now hollow when compared to its days of glory, but it still swallows people, pollutes the soil, and intensifies underdevelopment.

Key-words: Bolívia; Potosí; Cerro Rico; Silver; Devil.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Serviço Social também pela mesma universidade. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social pela UFSC e bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisador temporário do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA-UFSC). E-mail: antunnesdavi@gmail.com.

El ‘Látigo’ es un cerro imponente. Visto de lejos, tiene la majestad de un monarca presuntuoso que se planta airosamente en un raptó de soberbia, y con la condescendencia del mimado por la fortuna, deja que un río - que culebrea en el fondo, le lama las plantas servilmente. (Velarde, 1947, p. 19)

Localizada no coração dos Andes bolivianos, de temperatura média anual fria e com falta de umidade e de oxigênio, Potosí ergue-se a exatamente 3826.7 metros acima do nível do mar como capital do departamento de mesmo nome e da província de Tomás Frías. Pequena e empobrecida, atualmente com população de menos de 300 mil habitantes, esta cidade além de ter sido, durante a colonização, o centro urbano mais populoso do hemisfério sul e o mais densamente habitado do mundo, foi palco também da primeira grande revolução do capitalismo. Do Cerro Rico, cartão postal da região e seu principal movimentador econômico desde o século XV, elevou-se e se inaugurou uma nova fase mundial do metalismo e do mercantilismo que alterariam para sempre o percurso da humanidade.

Foi em Potosí que a “moeda” ganha qualidade e surge em quantidades até então nunca vistas. Do fetichismo e do extrativismo colonial, o capital primitivo de Cerro Rico atrai a Europa à América Latina, potencializado-a como fruto de riquezas², mobilizadora de mercadorias, equalizadora de valores, fonte de acumulação e parteira do capital industrial moderno. Fazendo paralelo à Eric Williams (2007), que em seu livro “*Capitalismo & Escravidão*” afirma que nos tijolos na velha Inglaterra não há um sequer que não esteja manchado, gotejado ou encharcado de sangue e suor dos escravizados negros, não há uma única moeda, lingote, jóia, item ou adorno de prata deste período que não tenha sido embebido e fusionado de sangue e suor indígena.

A história desta região, no entanto, não surge do “descobrimento” de seus veios, de seus depósitos minerais - que variam entre prata, chumbo, cobre, ferro, zinco, estanho, além de outros minérios - pelos espanhóis. Materialmente, ela nasce da colisão entre placas tectônicas, da atividade vulcânica e da sua sedimentação, que entre desertos, lagos, vulcões, geleiras, desfiladeiros, salares - antigos oceanos aprisionados -, falhas, rios, dobras, picos nevados e florestas alteram a paisagem da região. Assim, na cordilheira dos Andes, coluna vertebral da América Latina, que corta e determina biomas, barra os ventos do Oceano Atlântico e do Pacífico, donde descem as águas de um continente inteiro, adormecidos por milhões de anos, estes minerais se assentaram entre o arenito, o xisto, o andesito e tantos outros de rochas, compactando-se e se litificando. Para então, milhares de anos atrás, com a evolução social e material dos povos originários da região, despertarem através de sua

² A expressão “Vale um Potosí” significa até hoje que algo é muito valioso, de preço inestimável.

extração.

A terra andina, tanto o solo quanto o subsolo, é, portanto, laboratório original dos Huari, Chavin, Tiauanaco, Quechua, Chimu, Moche, Aimara, Chachapóia, Caral, Inca e de tantos grupos e comunidades que ali se assentaram junto ao minério. Desde tempos imemoráveis técnicas de extração e processamento da mineração ocorrem nos Andes, sendo tão originária quanto o guanaco, a batata, a vicuña, a quinoa, o cuy, o yacón, o milho, o condor, ou seja, das plantas e dos animais que vivem nos Andes ao lado das *Altas Culturas*. Ademais, a cosmovivência, a Pachamama, a mita, todos os seus Deuses, cosmovisões, festas e tradições estão inexoravelmente ligadas à reprodução da vida material nos Andes; e vale ressaltar aqui, que, mesmo originando princípios como o *sumak kawsay* e outras formas do bem-viver (reciprocidade com a natureza e etc.), elas não são culturas utópicas ou idealistas, mas a própria materialidade.

Visto de cerca, el ‘Látigo’ deja la misma sensación. No tiene las curvas delicadas de las montañas floridas, no sabe de ternura de manantiales, de caricia de plantas lozanas ni de perfume de flores. No posee grutas apacibles ni el rincón acogedor de otros cerros. (Velarde, 1947, pp. 19-20)

No entanto, com o início do período colonial, por meio da espada, da bíblia e dos germes europeus, partindo de Potosí se inaugura um novo ciclo da vida da mineração, não mais em âmbito regional ou comunal, mas sim do extrativismo capitalista. Com os espanhóis se utilizando da tecnologia originária disponível, assim como da mão de obra, usurpando de sua gente sua terra, sua organização e sua produção da vida comunal em benefício do capital, rios de prata, cunhada, tributada, taxada e/ou pirateada escoaram cerro abaixo, passando pelo lombo de lhamas, alpacas e indígenas por portos secos e portos náuticos para serem transportados de acordo com os interesses da Coroa durante mais de trezentos anos.

Porém, hoje, quase duzentos anos desde a independência da Bolívia, minérios continuam a sair do Cerro Rico e de todo os Andes. Não mais por intermédio da Coroa espanhola, mas sim pelo do Estado boliviano e do capital estrangeiro, poluindo sua terra, acirrando conflitos, alterando paisagens inteiras e adoecendo o povo. Na América Latina, e em Potosí não poderia ser diferente, exporta-se riqueza enquanto preserva-se a miséria.

Deus e o Diabo entram nos Andes durante colônia, mas é o Deus inorgânico que persiste habilmente até hoje. Como descrito por Augusto Céspedes em seu romance “Metal del Diablo”, o minério enfeitado/fetichizado que ganha a mente, os corpos, a carne, os ossos, o sangue e as vidas dos trabalhadores que entram na mina da colônia à república, da

Revolução de 1952 ao atual Estado Plurinacional. Pela prata ou pelo estanho, é em seu nome que, somente em Potosí - na “montanha que come homens”, Cerro Rico - mais de 8 milhões de pessoas já perderam suas vidas³. Seja pelo soterramento, caindo em buracos, pela silicose, em explosões acidentais, pelo calor, pela pneumonia e por tantas outras causas que através do “Deus mineral” movem o “Deus capital” enquanto esmaga o indígena e suas comunidades.

Está lleno de aristas. Sus piedras, hasta las más pequeñas, son afiladas como cuchillos prontos a hincarse en la carne. Sus rocas se levantan hostiles como imprecaciones y sus precipicios se hunden en la negrura de los abismos insondables. (Velarde, 1947, p. 20)

O presente ensaio, com fotos que se misturam entre aquelas de minha autoria, do meu pai, Esdras Pio Antunes da Luz e da minha amiga Carol Troppmair retratam parte de nossa viagem à Bolívia, feita entre outubro e novembro de 2022. Aqui em especial, foquei nos relatos e fotos da nossa visita ao Cerro Rico em Potosí no começo de novembro. Os trechos literários do ensaio foram retirados do romance “*Socavones de Angústia*” de Fernando Ramirez Velarde, escrito em 1947, mas que continua ainda atual.

No Cerro Rico, as instalações mineiras têm suas entradas e altares regados de folhas de coca, sangue de lhama e cerveja. Dentro da mina de Candelaria, aberta desde 1907, a figura do “Tío” nos recebe fumando um cigarro; “*dentro de la tierra sólo el Diablo protege*” diz a nossa guia - tão venerado, quanto temido, a sonoridade entre “Tío” e “Dios” é parecida, mas a imagem é sem dúvidas do Diabo. Somente quando adentramos um quilômetro e meio dentro do solo encontramos, enfim, algum mineiro.

Embaixo do solo, o cheiro de enxofre, do ácido sulfúrico, da pólvora e de tantas partículas venenosas e outras misturas tóxicas deixam ainda mais difícil a respiração, piorando o *soroche*. A temperatura se altera entre o calor do tártaro e a brisa fria - vem da saída/entrada ou de dentro da rocha gélida? Pequenas e médias pedras caem sem aviso. As batidas de picareta atravessam paredes. Avisos pedem para que não toquemos nas vigas de madeira que seguram o teto. Entre a lama e a poeira, o caminho do carrinho da mina vai até certo ponto, dali para frente o mineiro tem que carregar ele mesmo. Nas paredes, pequenos buracos de dinamites que não foram ativados, mas também grandes buracos de dinamite que foram ativados ao fim do expediente; na manhã seguinte, após abaixar todo o pó, o resultado. E se repete o ciclo.

Quase quinhentos anos de extrativismo e o cerro se tornou um grande morro de terra

³ Há um velho ditado de que, com os metais extraídos de Potosí, daria para se construir uma ponte de prata de Potosí à Madrid, e uma ponte de volta de Madrid à Potosí feita dos ossos dos daqueles mortos no Cerro Rico.

mexida, de rios purulentos que descem os Andes abaixo, contaminando a terra com metal pesado e químicos, precisando de enormes quantidades de água para o processamento do minério⁴, adoecendo o trabalhador e empobrecendo a terra. Na extração atual há diferentes classes de minérios, os mais impuros saem por 20 a 50 centavos de bolivianos por tonelada, os mais puros de prata chegam de 30 a 80 bolivianos⁵ por tonelada. Ademais, os mineiros trabalham de seis a sete horas por dia, parando somente nos domingos. Muitos deles começam a trabalhar nas minas quando criança ou adolescente junto a seus pais (empurrando carrinhos, levando pequenas sacas, separando os tipos de minério). Além do mais, os próprios guias turísticos das minas são ex-mineiros e realizam visitas com turistas duas vezes por dia, todos os dias por semana.

O Cerro Rico é fonte de riqueza e um cemitério à luz do dia. Hoje, mais de 2 mil bocas estão abertas para dentro do inferno. Em nossa viagem, conversamos com mineiros e ainda que não reclamem de problemas de saúde, os dados dizem outra coisa. A expectativa de vida da população mineira na Bolívia é baixíssima, problemas pulmonares são comuns, assim como são os acidentes - fatais e não fatais. E diferente do relato do século XVI, feito pelo frei Diego de Ocaña, que descreve o Cerro Rico como “*la octava maravilla del mundo y la mayor de todas; pues es todo este cerro de plata*”, a febre maldita pelo aparente metal de fonte inesgotável, faz do Cerro Rico, hoje, em comparação aos seus dias de glória, um cerro oco preenchido pelos seus mortos e pelos trabalhadores que, dia após dia, adentram nesta fornalha do subdesenvolvimento.

En vez de flores silvestres, hay espinas y en lugar de árboles, tiene paja brava, cactus enanos y arbustos surgidos en alguna remota primavera benigna, calcinados por los vientos y el frío. El ‘Látigo’ es tenebroso y demoníaco, pero bello. (Velarde, 1947, p. 20)

⁴ Potosí em novembro de 2023 declarou estado de calamidade por conta da seca na região. No entanto, apesar do racionamento para a população, que vai aos prantos buscar água nos caminhões-pipa, a atividade mineira pouco caiu - a conta não fecha. Este caso se dá justamente no único país da América Latina cujo Estado é plurinacional e que tem, após a Guerra da Água, um *Ministerio de Medio Ambiente y Agua*. O extrativismo do capital é morte para o indígena e para a sua comunidade, seja durante a ditadura ou sob um governo plurinacional.

⁵ No dia de hoje, 13/12/2023, a cotação de 1 boliviano é igual a 0,72 real brasileiro.































Referências

VELARDE, Fernando Ramirez. **Socavones de Angustia**. La Paz: Los Amigos del Libro, 1947.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo & Escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.